

O Lógos Filosófico e o Lógos Poético: Ao Doce Mago da Floresta Amazônica

*The Philosophical Logos and the Poethic Logos:
To the Sweet Mage of the Amazon Forest*

Oswaldo GIACOIA JUNIOR*
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR)

RESUMO: Entre nós, o filósofo Benedito Nunes talvez tenha sido um dos primeiros a remeter o pensamento sobre as perguntas, os desafios, a desorientação, que emerge da crise da razão em suas dimensões práticas e especulativas, à necessidade de reflexão profunda sobre a experiência do tempo, que corresponde à modernidade - um tempo histórico do qual, como pretendia Kant, a Aufklärung se constitui num signo diagnóstico, rememorativo e prospectivo. E uma vez que o historicismo integra essencialmente o programa crítico da Aufklärung, também ele contribuiu de maneira decisiva para a formação da moderna consciência histórica. Este artigo pretende continuar nessas sendas abertas por Benedito Nunes para se interrogar, a partir de Heidegger, acerca das relações entre o logos filosófico e o logos poético.

PALAVRAS-CHAVE: razão, modernidade, filosofia, poesia.

ABSTRACT: Among us, the philosopher Benedito Nunes was perhaps one of the first to refer thinking about the questions, the challenges, the disorientation, which emerges from the crisis of reason in its practical and speculative dimensions, to the need for deep reflection on the experience of time. , which corresponds to modernity - a historical time of which, as Kant intended, the Aufklärung constitutes a diagnostic, reminiscent and prospective sign. And since historicism is essentially part of the critical program of the Aufklärung, it has also contributed decisively to the formation of modern historical consciousness. This article intends to continue along these paths opened by Benedito Nunes in order to question himself, based on Heidegger, about the relationship between the philosophical logos and the poetic logos.

KEYWORDS: reason, modernity, philosophy, poetry.

O século XXI iniciou-se sob o signo da crise, ou antes sob uma constelação de crises distribuídas em rede pelos mais diversos setores da vida: crise econômica, política, social,

* Professor Titular Aposentado do Departamento de Filosofia da Unicamp. Professor do Programa de Pós-Graduação da PUC/PR. Este artigo foi, inicialmente, uma palestra proferida na UNICAMP, por ocasião de uma homenagem a Benedito Nunes, pelo seu 80. aniversário. E-mail: ogiacoia@hotmail.com.

Recebido em: 19/07/2021

Aceito em: 14/10/2021

familiar; crise de identidade, de paradigma, de gênero; crise estética, religiosa, moral, jurídica. Numa palavra, *crise da razão*, em suas dimensões especulativa e prática, que se revela tanto mais paradoxal quanto parece crescer, alargar-se e aprofundar-se na ordem inversa das prodigiosas conquistas históricas do tipo de racionalidade sobre a qual o Esclarecimento depositava suas mais exaltadas esperanças.

Entre nós, o filósofo Benedito Nunes talvez tenha sido um dos primeiros a remeter o pensamento sobre as perguntas, os desafios, a desorientação que emergem desse panorama à necessidade de reflexão profunda sobre a experiência do tempo que corresponde à modernidade - um tempo histórico do qual, como pretendia Kant, a *Aufklärung* se constitui num signo diagnóstico, rememorativo e prospectivo. E uma vez que o *historicismo* integra essencialmente o programa crítico da *Aufklärung*, também ele contribuiu de maneira decisiva para a formação da moderna consciência histórica.

Assim, a reflexão sobre a crise da razão se desdobra na pergunta pelo relacionamento entre a *história* e o *tempo* na modernidade, sobre memória e esquecimento, relacionamento no interior do qual o problema do *sentido* da história se conecta subliminarmente com uma experiência do tempo a ser trazida à superfície da auto-reflexão e explicitada filosoficamente. É sob essa ótica que se pode descortinar uma abordagem promissora sobre o entusiasmo tipicamente moderno pela revolução - meio e veículo por excelência para a realização das possibilidades humanas e do sentido da história.

A crise acima referida instala-se precisamente nesse novelo de perguntas em busca de respostas, afetando o elemento medular do otimismo ilustrado: a crença na possibilidade de conciliação, na marcha do progresso histórico, entre, por um lado, a liberdade de investigação racional - como prerrogativa historicamente consolidada pela razão esclarecida, a que não se pode nem se deve renunciar, sob pena de se abismar novamente nas trevas do obscurantismo reacionário e, no pior sentido do termo, fundamentalista, por um lado; e, por outro lado, a proteção da dignidade da vida e da pessoa humana, que, tanto quanto a liberdade de pensamento e expressão, se traduzem em princípios constitucionalmente assegurados pelo moderno estado liberal, ou estado de direito.

Se, para os patronos do Esclarecimento, uma dessas vertentes promovia naturalmente o fomento da outra, para nós, elas tendem a se apresentar na forma de uma ‘separação fetichista’ entre ética e ciência, que nos impõe, como tarefa histórica, um esforço coletivo para refletir sobre as condições atuais da autonomia e da responsabilidade ética. Equacionado nesses termos, o problema foi antecipado entre nós pela lúcida e premonitória reflexão de Benedito Nunes sobre a experiência de tempo (e de seu sentido) que corresponde à modernidade política e cultural, cujos dois ícones principais se configuram como a doutrina do progresso e a esperança no potencial libertário da revolução. É nesse contexto – e seguindo os passos de Benedito Nunes - que pretendo retomar o problema do relacionamento entre o logos filosófico e o logos poético.

Interpretar o pensamento como essencialmente determinado pela lógica implica em permanecer ofuscado para o fato de que, na história da filosofia, a própria lógica constitui um modo particular do pensamento, mais especificamente do pensamento técnico, caracterizado pela divisão em especialidades como ‘Ética’, ‘Lógica’, ‘Gramática’, ‘Epistemologia’. Em virtude desse ofuscamento, deixamos de atentar para o parentesco essencial, mas encoberto, entre o pensar e o poetar autênticos, sobretudo se considerarmos a filosofia de Heidegger, na qual toda criação genuinamente poética surge pelo cultivo do pensar e do lembrar.

O elemento de pertença entre o pensar e o poetar é, segundo Heidegger, a Memória - *Mnemosyne* – que dá origem às musas do jogo, do canto e da dança. Para colocar em destaque esse elemento, Heidegger procura penetrar reflexivamente o esboço de um poema de Hölderlin justamente intitulado *Mnemosyne*:

Somos um sinal sem interpretação (deutungslos)
Sem nenhuma dor somos e, no estranho,
Quase perdemos a linguagem

O verso respira a ligação enigmática entre a memória, a linguagem e a dor. E, meditando a respeito dessa entre-pertença, Heidegger escreve: “Talvez o que nos diz Hölderlin nessas e nas palavras subseqüentes pertença ao que se nos mostra como o que cabe pensar mais cuidadosamente, ou seja, que ainda não pensamos. Que ainda não pensamos, isso se funda no fato de sermos um sinal sem interpretação e sem dor? Ou será o contrário, que somos um sinal sem interpretação e sem dor à medida que ainda não pensamos. Se esta última alternativa procede, então o pensamento, através do qual se presenteia aos mortais a dor, é que daria sentido ao sinal pelo qual os mortais são mortais. Tal pensamento nos coloca também de início num diálogo com a poética do poeta, cujo dizer, tal como nenhum outro, busca seu eco no pensamento.”¹

De acordo com a segunda alternativa, podemos pensar que somos um sinal de ausência, de falta de sentido e de dor. Talvez pudéssemos pensar também que somos um signo não apenas da falta de interpretação e sentido, de ausência de dor, mas também de falta de sentido da dor, na medida em que isso mesmo é a dor mais profunda – a saber, a dor da existência em sua busca de um sentido ausente, de modo que o pensamento, ao dotar a dor de sentido que falta, resgata para os mortais a mortalidade que constitui sua essência; resgatando assim a ligação amorosa, na dor, entre o pensamento, a vida mortal e a beleza:

*Quem mais profundo pensou, ama o mais vivo
Quem olha fundo no mundo, este compreende a elevada juventude
E muitas vezes, ao fim, os sábios se inclinam diante da beleza*

¹ Heidegger, M. *O Que Quer dizer Pensar?* In: *Ensaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Vogel e Márcia S. Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 119. Tradução ligeiramente modificada.

Assim poderíamos ler, à luz de Heidegger, o poema de Hölderlin sobre Sócrates e Alcibíades: aquele que levou o pensamento mais a fundo – porque mais profundamente mergulhou nos abismos da dor – emerge para o amor do mais vivo. Quem, pelo pensamento, percorreu os labirintos entre a dor e a vida finita, compreendeu a elevada juventude, e, como sábio, rendeu-se à necessidade da beleza. Portanto, é a profundidade do pensamento acerca da ausência de sentido que concita a juventude, a beleza e a poesia. Sendo assim, nós somos um signo sem interpretação e sem dor *porque* ainda não pensamos aquilo que é mais digno de ser pensado: “Não correspondemos propriamente ao que mais cuidadosamente cabe pensar. Até agora ainda não nos introduzimos no modo próprio de ser do pensamento para aí habitarmos.”² Porque não habitamos o autêntico modo de ser do pensamento, ainda não pensamos propriamente. Extraviados nesse ofuscamento, reduzimos o modo de ser do pensamento às determinações da lógica das especialidades. E o fazemos porque não correspondemos àquilo que mais do que tudo importa considerar: que pensar é habitar poeticamente a linguagem, a linguagem que é a morada do ser.

A despeito de toda lógica, mesmo com toda obsessão atual pela filosofia da linguagem (*Sprachphilosophie*), ainda não estamos familiarizados com o a atmosfera vital do pensamento autêntico, não habitamos a essência *poiética* da linguagem como morada do ser. Por isso, o pensamento que pensa propriamente provê o signo, que constitui nossa existência, de uma interpretação, de um sentido, e assim corresponde ao que é digno de ser pensado; esse pensar também ama o mais vivo, inclina-se à beleza, à poesia e às artes. O *logos*, a habitação que a linguagem oferta ao pensamento, constitui o elemento que reúne o filosofar e o poetar. Reunir é coligar, vincular, também corresponder: são verbos que evocam *Eros*, mas também lembram também o *recolher*, a ação de *légein*, própria do *logos*. Mesmo a doutrina do pensamento como *lógica* deriva, pois, dessa acepção originária de *légein* como ligar, de modo que a síntese do pensamento no juízo é subsidiária do coligar essencial do *logos*, como elemento linguageiro do pensamento.

A lógica não basta para instituir o monopólio do pensar, assim como a *theoria* não é o monopólio da filosofia. Pelo contrário, o pensar da lógica é um modo derivado do pensamento produzido na história da metafísica, a partir do esquecimento da verdade do ser e da essência do pensar enquanto correspondência. “A caracterização do pensar como *theoria* e a determinação do conhecer como postura ‘teórica’ já ocorrem no seio da interpretação ‘técnica’ do pensar. É uma tentativa reacional, visando a salvar também o pensar, dando-lhe ainda uma autonomia em face do agir e do operar. Desde então a ‘Filosofia’ está constantemente na contingência de justificar sua existência em face das ‘Ciências’. Ela crê que isto se realizaria da maneira mais segura, elevando-se ela mesma à condição de uma ciência. Este empenho, porém, é o abandono

² Heidegger, M. *O Que Quer dizer Pensar?* In: *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Vogel e Márcia S. Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 121.

da essência do pensar. A filosofia é perseguida pelo temor de perder em prestígio e importância, se não for ciência. O não ser ciência é considerado uma deficiência que é identificada com a falta de cientificidade. Na interpretação técnica do pensar, abandona-se o ser como o elemento do pensar. A ‘Lógica’ é a sanção desta interpretação que começa com a Sofística e Platão.”³

O primado da lógica é um advento na história da metafísica, acontecimento que corresponde ao esquecimento da diferença ontológica entre o Ser e os entes, à identificação do Ser [dos entes em sua totalidade] com o modo de ser da presença, correspondendo à distinção metafísica entre essência e existência, e à divisão ‘técnica’ do pensamento em âmbitos de racionalização: teoria e prática, lógica e ética, ciência, filosofia, arte. Na história da metafísica, como história do esquecimento do Ser, *o logos* congelou-se na doutrina do juízo, que absorveu integralmente o pensamento na atividade de síntese entre conceitos. E, com isso, também a linguagem retraiu-se de seu elemento, desgarrou-se da experiência originária do *lógos e légein*. Nessa retração, o pensar quedou-se fora de seu elemento, alienado dele, desalojado de seu âmbito originário: a linguagem, que é a morada do Ser, recusa-nos o acesso pensante à sua essência, na medida em que não correspondemos à verdade do Ser como desvelamento (*alétheia*), ao qual pertence constitutivamente a linguagem como desocultamento pelo dizer.

Nesse sentido, pensar é corresponder pela palavra à verdade do Ser. Mas subtração da linguagem em relação à sua essência, a fuga da correspondência ao chamamento do Ser em seu desvelar-se pelo discurso humano é o signo de que, a despeito de toda ciência e filosofia, ainda não aprendemos a pensar. É o sinal mais inquietante de que o mais digno de ser pensado consiste em que *não pensamos propriamente*. A obliteração dessa ausência pela agitação no âmbito da práxis e pelo palavrório no setor da cultura, a preocupante hegemonia anônima da opinião pública e do politicamente correto constituem, por outro lado, a necessidade constringente, a penúria que suscita o *thaumatsein*, o espanto e o admirar-se, no qual germina o autêntico perguntar filosófico: como ocorre que, na era da onipotência da tecno-ciência, ainda não somos capazes de pensar o que é mais digno de ser pensado: o Ser dos entes em sua verdade?

“Se, todavia, a verdade do ser tornou-se digna de ser pensada para o pensar, deve também a reflexão sobre a essência da linguagem alcançar um outro nível. Ela não pode continuar sendo apenas pura filosofia da linguagem. É somente por isso que *Ser e Tempo* (§ 34) contém uma indicação para a dimensão essencial da linguagem e toca a simples questão que pergunta, em que modo de ser, afinal, a linguagem enquanto linguagem é, em cada situação...A decomposição da linguagem, atualmente tão falada, e isto bastante tarde, não é, contudo, a razão, mas já uma conseqüência do fato de que a linguagem, sob o domínio da metafísica moderna da subjetividade, se extravia, quase invencivelmente, de seu elemento. A linguagem recusa-nos ainda sua essência: isto é, que ela é a casa da verdade do ser. A linguagem abandona-

³ Heidegger, M. *Sobre o ‘Humanismo’*. In: *Obras*. 1a. Ed. Trad. Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 348.

se, ao contrário, a nosso puro querer e à nossa atividade, como um instrumento de dominação sobre o ente.”⁴

A esse furtar-se ao pensamento por parte da essência da linguagem corresponde a transformação técnica da natureza em fundo de reserva, à essência metafísica do Ser dos entes em vontade de poder, à infinita reproduzibilidade do cálculo em versão contemporânea do eterno retorno do mesmo. Quando a cibernética torna-se a figura contemporânea da metafísica, o humanismo atinge o apogeu, e a interpretação técnica do pensar confisca a linguagem no puro âmbito de nosso próprio querer e do fazer humanos, como instrumento dócil para garantir o domínio integral sobre o ente. Eis nosso supremo perigo e desafio: a condição do pensamento exilado da verdade do Ser, despojado de sua morada; a técnica moderna subtraída à experiência de sua própria essência, compelida a atualizar permanentemente seu potencial, num ímpeto compulsivo que leva à mobilização total dos entes para fins de produção e consumo de artefatos técnicos.

Dessa alienada condição de desterro só nos resgata um lembrar-se do pensamento por si mesmo. “Quem mais profundo *pensou, ama* o mais vivo. Com isso, consideramos que o amor se funda no fato de pensarmos o mais profundo. Tal ‘ter pensado’ provém presumivelmente daquela memória, no pensar da qual funda-se o próprio poetar e com ele toda arte. Mas então o que quer dizer pensar? Jamais aprendemos, por exemplo, o que é nadar através de um manual sobre natação. O que é nadar é dito saltando na correnteza. Somente assim conhecemos o elemento em que o nadar precisa se mover. Qual é, porém, o elemento em que se move o pensamento?”⁵

Qual seria esse elemento originário em que o pensar se move e respira, isso só o aprendemos pelo exercício do pensar. Assim como só aprendemos a nadar abandonando-nos ao elemento em que o nadar pode se mover, isto é, saltando na correnteza, assim também aprendemos a pensar quando recuperamos a memória do elemento em que se move o pensar, efetuando a ligação (erótica) entre o pensamento e a essência da linguagem, do falar, do responder e do corresponder, ou seja, do mesmo solo no qual germina e floresce também a poesia e a arte. Quem mais profundo pensou, ama. Ora, amar é efetuar ligação, amar é vincular e corresponder. O amor encontra seu elemento fundante no pensar profundo, que é um pensamento que busca restaurar a ligação com a memória de sua própria essência, o vínculo com seu próprio elemento originário.

E se o pensamento tem algo a ver com a filosofia, na origem e na essência desta última, é porque a tarefa específica dos filósofos é a atividade linguageira do diálogo: “Quando filosofamos nós? Manifestamente apenas então quando entramos em diálogo com os filósofos.

⁴Heidegger, M. *Sobre o ‘Humanismo’*. In: *Obras*. 1a.. Ed. Trad. Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 350.

⁵Heidegger, M. *O Que Quer dizer Pensar?* In: *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Vogel e Márcia S. Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 120.

Disto faz parte que discutamos com eles aquilo de que falam. Este debate em comum sobre aquilo que sempre de novo, enquanto o mesmo, é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o *légein* no sentido do *dialégesthai*, o falar como diálogo.”⁶

Ora, se em algum sentido é verdade que a filosofia se ocupa como pensamento, e se o espanto é o *pathos* arcaico (*arkhé*) da filosofia, então podemos recuperar pela memória a ligação originária entre o pensamento e a linguagem, a partir do que é mais espantoso: que não pensamos ainda no que é mais dá a pensar. E o que é mais digno de ser pensado é justamente essa retração *do* pensamento em face de sua própria interpretação técnico-metafísica.

Aquilo que dá a pensar é o elemento do pensamento, que se furta e se recolhe, mantém-se velado para a reflexão filosófica, de maneira que o que nos resta, caso despertemos do sono humanista e do delírio tecnológico de onipotência, é esperar que se anuncie a nós o que é mais digno de ser pensado, o que dá a pensar e, assim, chama à cor-respondência que, enquanto tal, constitui o essencial da atitude filosófica. Corresponder, nesse sentido, é deixar-se tomar pelo espanto e concentrar o pensamento na lembrança daquilo que dá a pensar e, ao fazê-lo, interpela, concita e convoca.

“Memória é a concentração do pensar da lembrança daquilo que, antes de tudo e antes de mais nada, cabe pensar. Esta concentração guarda junto de si e abriga em si o que, sempre e antes de mais nada, permanece e se anuncia como a-se-pensar em tudo o que (se) anuncia como o vigente e o vigor de ter sido. Memória, o pensar concentrado da lembrança do que cabe pensar, é a fonte da poesia.”⁷

Gostaria de sugerir que essa lembrança encontra-se ancorada na experiência grega do *lógos*, e, com isso, na tradição da história da filosofia. “Mas o que significa *lógos* e *légein*? Apenas hoje começamos lentamente, através de múltiplas interpretações do *lógos*, a descerrar para nossos olhos o véu sobre sua essência originária grega. Entretanto, nós não somos capazes nem de um dia regressar a esta essência da linguagem, nem de simplesmente assumi-la como herança. Pelo contrário, devemos entrar em diálogo com a experiência grega da linguagem como *lógos*. Por que? Porque nós, sem uma suficiente reflexão sobre a linguagem, jamais sabemos verdadeiramente o que é a filosofia como a co-respondência acima assinalada, o que ela é como uma privilegiada maneira de dizer.”⁸

Mas a experiência grega do *lógos* remete à memória do elemento que une e faz brotar juntos o pensar e o poetar - e com isso toda arte. Experiência da filosofia como privilegiada maneira de dizer, como diálogo e correspondência ao Ser, e da arte como privilegiada dimensão

⁶ Heidegger, M. *Que É Isto – A Filosofia?* In: *Obras*. 1a. Ed. Trad. Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 217.

⁷ Heidegger, M. *O Que Quer dizer Pensar?* In: *Ensaaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Vogel e Márcia S. Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 118.

⁸ Heidegger, M. *Que É Isto – A Filosofia?* In: *Obras*. 1a. Ed. Trad. Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 221.

do existir humano posta a serviço da linguagem. Daí o parentesco essencial, no qual se funda, no entanto, uma abissal diferença entre o *lógos* poético e o *lógos* filosófico, entre a poesia e a filosofia. “Oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois ‘moram nas montanhas mais separadas’.”⁹

Parentesco oculto e separação: o *légein* do *lógos* reúne e separa a filosofia e a poesia, como habitantes das montanhas mais distantes. Mas as montanhas se assentam sobre um solo comum: o pensamento mais profundo ama *das Lebendigste*, assim como as profundezas anelam pela superfície, a gravidade pela leveza dançarina, a seriedade pelo riso, como a verdade anseia pela beleza - de modo que ‘muitas vezes, ao fim, os sábios se inclinam diante da beleza’.

É nesse oculto parentesco na distância que gostaria de evocar a magia deste mestre da Amazônia, que reúne e coliga o *lógos poético* e o *pensar filosófico*, reatando com a experiência grega autêntica da linguagem. Como dizia Nietzsche, um dos privilegiados interlocutores filosóficos e poéticos de Benedito Nunes: “Oh! esses gregos! Eles entendiam do *viver!* Para isto é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais – *por profundidade!* E não é precisamente a isso que retornamos, nós temerários do espírito, que escalamos o mais elevado e perigoso pico do pensamento atual e de lá olhamos em torno de nós, que de lá olhamos *para baixo?* Não somos precisamente nisso – gregos? Adoradores das formas, dos tons, das palavras? E precisamente por isso – artistas?”¹⁰

⁹ Heidegger, M. *Que É Isto – A Filosofia?* In: *Obras*. 1a. Ed. Trad. Ernildo Stein. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 221.

¹⁰ Nietzsche, F. *A Gaia Ciência. Prólogo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 15.